



DOI 10.20396/conex.v18i0.8659110

Artigo Original

Ginástica para Todos: o que a Praxiologia Motriz diz sobre isso?

Fernanda Raffi Menegaldo¹ Marco Antonio Coelho Bortoleto¹ 

RESUMO

Objetivo: Este estudo tem como objetivo refletir sobre a prática da Ginástica para Todos (GPT) a partir da teoria da Praxiologia Motriz, teoria desenvolvida pelo francês Pierre Parlebas. **Metodologia:** Caracterizado como um estudo teórico, este ensaio é construído a partir da análise da Lógica Interna da prática, com ênfase em seu caráter sociomotriz, e as possíveis aproximações entre a GPT e o subdomínio denominado Situações Motrizes Expressivas (SME). **Resultados e discussão:** A análise das características fundantes da GPT, considerando sua prática não-competitiva, mostra a ausência de códigos gestuais, e a possibilidade de uma prática gímnica sociomotriz com a emergência de múltiplas lógicas internas. **Conclusão:** Numa perspectiva praxiológica, as fronteiras pouco demarcadas da GPT distanciam essa prática do esporte e a aproximam às SME, reforçando seu caráter comunicativo e a relevância das relações cooperativas para a sua prática.

Palavras-chave: Ginástica. Praxiologia Motriz. Coletividade.

¹ Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas – SP, Brasil.

Correspondência:

Fernanda Raffi Menegaldo. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Rua Erico Veríssimo, 701, Cidade Universitária, CEP 13083851, Campinas – SP, Brasil, E-mail: fernandamenegaldo@hotmail.com

Recebido em: 9 abr. 2020

Aprovado em: 17 jun. 2020

Gymnastics for All: what does Motor Praxeology say about it?

ABSTRACT

Objective: This study aims to discuss the Gymnastics for All (GfA) based on the Motor Praxeology theory, developed by Pierre Parlebas. **Methodology:** In this theoretical essay, we analyse the Internal Logic of GfA with emphasis on its sociomotor aspect and we propose some approaches between the GfA and the subdomain called Motor Expressive Situations (MES). **Results and discussion:** The internal logic analysis of GfA, considering its non-competitive perspective and the non-existence of a gestural codification, allowing us to consider the possibility of this sociomotor gymnastics practice happen with multiple internal logics. **Conclusion:** In a praxeological perspective, the absence of rules that guide the GfA practice place it distance far from the competitive context (based in gestural codification) and more close than the MES, reinforcing its communicative character and the cooperative relations in its practice.

Keywords: Gymnastics. Motor Praxeology. Collectivity.

Gimnasia para Todos: ¿qué dice la Praxiología Motriz al respecto?

RESUMEN

Objetivo: Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la práctica de la Gimnasia para Todos (GPT) desde la teoría de la Praxiología Motriz desarrollada por el francés Pierre Parlebas. **Metodología:** Como ensayo teórico, analizamos la Lógica Interna (LI) de dicha práctica, con énfasis en su carácter sociomotriz, e proponemos posibles aproximaciones con el subdominio denominado Situaciones Motrices de Expresión (SME). **Resultados y discusión:** El análisis de los rasgos pertinentes de la GPT, considerando la perspectiva no competitiva y la ausencia de códigos gestuales, nos permite considerar la posibilidad de una práctica gimnástica sociomotriz con múltiples lógicas internas. **Conclusión:** A partir de la perspectiva praxiológica, los límites poco delimitados de la GPT distancian esta práctica del deporte de competición y permiten, además, una aproximación con las SME, lo que refuerza su carácter comunicativo y relevancia de las relaciones de cooperación en su práctica.

Palabras Clave: Gimnasia. Praxiología Motriz. Colectividad.

INTRODUÇÃO

Entre as teorias contemporâneas que possibilitam profícuas análises das práticas corporais, interessa-nos, particularmente, a Praxiologia Motriz (PM), desenvolvida pelo pesquisador francês Pierre Parlebas (PARLEBAS, 2001), a qual tem sido comumente empregada para o estudo de jogos e esportes coletivos (RIBAS, 2008). Com base em estudos preliminares (BORTOLETO, 2012, 2008a), parece-nos que a PM pode também contribuir para o melhor entendimento das práticas gímnicas e, especialmente, da Ginástica para Todos (GPT).

Nesse sentido, este trabalho constitui-se num ensaio teórico que analisa a Lógica Interna (LI) da GPT, com especial atenção para seu caráter sociomotriz, bem como para seu distanciamento das práticas esportivizadas (competitivas) e as possíveis relações dessa prática com o subdomínio denominado Situações Motrizes Expressivas (SME), descrito por Mateu e Bortoleto (2011, 2017).

GINÁSTICA PARA TODOS SOB A ÓTICA PARLEBASIANA

Talvez, o principal conceito da ciência da Ação Motriz ou da Praxiologia Motriz seja o da *lógica interna* (LAGARDERA; LAVEGA, 2004). Segundo Parlebas (2001, p. 303), a lógica interna pode ser definida como o conjunto de características pertinentes a uma determinada situação motriz (jogo, esporte) cuja unidade sistêmica resulta numa organização particular. Bortoleto (2008a) argumenta que o estudo profundo da lógica interna permite uma aproximação rigorosa à natureza de uma determinada prática, possibilitando, entre outras coisas, discriminar a natureza do fluxo informacional, incluindo as relações entre os jogadores. Com isso, dois grandes grupos de práticas podem ser observados, as *psicomotrizes*, sem interação essencial dos participantes, e as *sociomotrizes*, nas quais há relações (comunicação e/ou contra-comunicação) entre os praticantes. Essa característica nos interessa sobremaneira para entender a dinâmica de funcionamento e, por conseguinte, as interações que podem ocorrer entre os integrantes de grupos de GPT.

De modo complementar, destaca-se que as situações psicomotrizes se caracterizam pela ausência de companheiros e/ou adversários, sem que delas emergjam interações motrizes fundamentais (PARLEBAS, 2001, p. 422). Por outro lado, as situações sociomotrizes possuem interação entre seus

praticantes (companheiros e/ou adversários), entendendo que a relação motriz, nesses casos, é “essencial e direta” (BORTOLETO, 2008a, p. 133). Ainda no âmbito das práticas sociomotrizas, elas podem ser subdivididas em “situações de cooperação” ou “situações de cooperação-oposição”, sendo as primeiras com a presença apenas de companheiros (C) e as segundas com companheiros (C) e adversários (A) (LAGARDERA; LAVEGA, 2004).

Com base nesses princípios, ao analisarmos as práticas gímnicas, vemos que a Ginástica Artística Masculina (GAM), a Ginástica Artística Feminina (GAF), a Ginástica Rítmica (GR) (individual), a Ginástica Aeróbica (GAE) (individual) e a Ginástica de Trampolim (GT) (individual) são práticas psicomotrizas, nas quais cada ginasta intervém de forma solitária, sem a presença simultânea de outros jogadores (companheiros e/ou adversários). Nesse tipo de situação motriz, vemos a emergência de uma lógica na qual é predominante o desenvolvimento de *estereótipos motrizes*, ou seja, habilidades codificadas que devem reproduzir padrões pré-estabelecidos com a maior precisão possível (LAGARDERA; LAVEGA, 2004). Nelas, a prática – em qualquer nível de aprofundamento – acontece por meio da reprodução desses *modelos operativos*, modelos técnicos quase sempre codificados ou regulamentados, exigindo, conseqüentemente, uma prática que se baseia na repetição, mais do que na criação ou na inovação (BORTOLETO, 2008a, 2012).

Por outro lado, a GR de conjunto, bem como a GAE em grupo, a GT sincronizada, a Ginástica Acrobática (GACRO) e, finalmente, a GPT são classificadas como *práticas sociomotrizas de colaboração*, o que significa que possuem as relações de cooperação entre seus participantes como sua característica fundamental (BORTOLETO, 2012).

Segundo a perspectiva parlebasiana, uma prática sociomotriz, como é o caso da GPT, opera com a presença de companheiros e, por essa razão, tem – a priori – a cooperação como característica dominante. Em outras palavras: a colaboração positiva (comunicação intencional) configura-se numa condição *sine qua non*. Assim, quanto mais eficiente for a comunicação entre os participantes, quanto mais harmônica forem suas relações no desenvolver das ações, mais eficiente será a intervenção do ponto de vista de sua lógica interna. Desse modo, nessas práticas, busca-se, constantemente, otimizar a comunicação, possibilitando alçar a cooperação ao seu mais alto grau de importância.

No campo das ginásticas, as relações cooperativas não estão apenas presentes na GPT, cuja prática se realiza em grupo (mais de um praticante), sendo identificadas também em distintas modalidades gímnicas competitivas, como já mencionamos acima. Na ginástica, ao contrário dos Esportes Coletivos (EC), não existe a presença de adversários diretos (BORTOLETO,

2012), isto é, contracomunicação. O que queremos destacar aqui é que, para compreender a diferença entre o caráter sociomotriz da GPT e o das outras práticas gímnicas ou mesmo dos ECs, é necessário ir além desse nível de análise. Não basta olhar para sua sociomotricidade – que, de antemão, classifica todas essas práticas “coletivas” numa mesma categoria. É preciso, portanto, aprofundar-se no estudo de outras particularidades.

Para isso, devemos retomar a análise da lógica interna da GPT. De início, notamos que se trata de uma lógica complexa, que se opõe às lógicas das práticas gímnicas esportivizadas, no que diz respeito ao seu *contrato social* (PARLEBAS, 2001; ROUSSEAU, 2015). De acordo com Parlebas (2001), a lógica interna instaura-se a partir das diretrizes estabelecidas pelas regras de cada prática. No caso das ginásticas de competição, as regras, inscritas nos Códigos de Pontuação (CoP), são detalhadamente descritas, buscando uma homogeneidade na interpretação e, portanto, intervenções com características muito semelhantes (BORTOLETO, 2004), mesmo nas práticas coletivas, onde é possível identificar um viés, ainda que mínimo, do improvisado e da coletividade. Em contrapartida, a GPT torna-se um caso peculiar na medida em que sua prática não é definida por um conjunto estrito de regras, o que, portanto, não permite a definição de uma lógica interna pré-estabelecida.

Dessa forma, a prática da GPT pode manifestar-se a partir de múltiplas lógicas internas, ação modulada pelo *modus operandi* e pela consolidação de processos no interior de cada grupo de GPT. Dito de outro modo, a compreensão da prática, de suas possibilidades, limites e a forma de desenvolvê-la dependerá da leitura que cada grupo de praticantes imprima, sempre respeitando sua característica constituinte: a sociomotricidade pura; ou seja, uma prática sociomotriz de colaboração, com ausência de adversários.

Com isso, queremos dizer que a GPT será o que cada coletivo deseje que seja. E, mediante as escolhas de cada grupo, teremos uma lógica semelhante, porém com traços únicos. Esse fato é mais facilmente compreendido quando notamos que os elementos sistêmicos estruturantes da lógica interna (jogadores/participantes, implementos/objetos, espaço e tempo) não são determinados a priori, oferecendo enorme liberdade para cada grupo de GPT. Assim, cada grupo poderá compor sua prática de forma distinta, gerando um sem-fim de possibilidades, ou uma maior diversidade de lógicas quando comparada às práticas gímnicas esportivizadas.

Em vista disso, caracterizamos a GPT como uma prática complexa, de natureza sociomotriz, com presença unicamente de companheiros, na qual as relações entre os jogadores (ginastas) são, exclusivamente, colaborativas (ou de cooperação). Temos, sumariamente, uma marca identitária da GPT: seu

caráter não competitivo e, por conseguinte, a ausência de adversários diretos (durante a prática) ou indiretos (outros grupos que executam suas coreografias alternadamente), o que permite concentrar toda a atenção pedagógica na cooperação e nas ações comunicativas (ALMEIDA, 2016). Essa característica potencializa a construção da ação coletiva, que se materializa por meio da harmonização e da coesão das ações de cada ginasta a partir de um objetivo comum. No caso da GPT, esse objetivo pode ser a realização de um elemento ginástico (uma torre humana ou uma acrobacia sincronizada) ou mesmo um conjunto de ações (como uma coreografia).

Ainda que sua essência seja marcada pela ausência da competição institucionalizada (BORTOLETO, 2012) e que essa característica, inclusive, permeie a prática da GPT desde o início de sua institucionalização pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), na segunda metade do século XIX, não podemos deixar de mencionar que algumas manifestações competitivas vêm ocorrendo nos últimos 20 anos no contexto da GPT, principalmente, em países europeus (PATRÍCIO; CARBINATTO; BORTOLETO, 2016). Esse movimento, no entanto, desenvolve-se num formato de “concurso” (FIG, 2011), e, por mais que exista uma classificação dos grupos a partir de uma análise externa, o processo de composição coreográfica ainda tem parte de sua liberdade preservada, uma vez que a maioria desses eventos possuem regulamentos bastante abrangentes, que não especificam padrões técnicos, gestuais ou pontuações. Esse fato, de certa forma, tem garantido, ao menos de momento, a pluralidade da prática, ou seja, a manifestação de diferentes lógicas internas.

Sendo assim, o caráter sociomotriz da GPT se diferencia das demais modalidades gímnicas uma vez que sua prática não é normatizada por regras que definem com precisão a quantidade de pessoas que devem participar, a divisão (categorização) por sexo, idade ou qualquer outro elemento distintivo. Assim, sua prática, com ou sem o objetivo de apresentação pública de coreografias, pode variar, constantemente, no que se refere à quantidade de praticantes, sem prejuízos formais, penalizações ou sanções regulamentares. A possibilidade de variação da quantidade de jogadores torna, do ponto de vista praxiológico, a prática da GPT mais complexa em relação às outras práticas gímnicas, que possuem essa característica ditada a cada início de ciclo olímpico pelo seus respectivos CoP. De fato, é comum, nos grupos de GPT, que uma mesma composição coreográfica seja apresentada de diferentes formas, variando os participantes (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017), já que não existe nenhum tipo de normatização que impeça esse tipo de ajuste/modificação. Essas e outras mudanças no sistema (tempo, espaço, jogadores, objetos materiais) são decisões de cada grupo, tomadas por conveniência ou necessidade.

Assim, do ponto de vista dos participantes (**jogadores**), os grupos de

GPT podem constituir-se por números distintos de praticantes, sem que haja uma regra que homogeneíze essa quantidade. Para além disso, pode também contemplar diferentes perfis de pessoas, permitindo a emergência de grupos heterogêneos, isto é, com participantes das mais diversas idades, grupos intergeracionais, com ou sem a presença de praticantes com deficiências.

Essa mesma flexibilidade, também, opera no que tange ao **espaço** de prática da GPT. Em outras palavras, a GPT caracteriza-se como uma prática gímnica que pode ser realizada tanto em espaços estáveis como instáveis, não existindo uma regulamentação única das dimensões e condições², conforme podemos observar nas Figuras 1 e 2. Essa característica marca uma significativa distinção entre a GPT e as demais práticas ginásticas de competição, as quais são, regimentalmente, exercidas em espaços altamente normatizados e controlados, buscando atender às demandas específicas de cada modalidade. Um breve passeio por qualquer festival de GPT, no Brasil ou no exterior, permitirá observar quão diferentes podem ser os espaços de prática (ginásios, praças, ruas, campos de futebol) sem que isso represente um prejuízo para a prática, embora cada um deles tenha implicações na organização do sistema e, portanto, na dinâmica expressa pela LI.



Figura 1 - Coreografia de grande grupo no Festival Landstavene (Dinamarca), em 2017.
Fonte: acervo pessoal de Douglas Silva (Integrante Grupo Ginástico Unicamp).

² Para compreendermos essas distintas possibilidades, basta pensarmos nos festivais de GPT que contam com apresentações em diferentes locais: ginásios, estádios e campos de futebol, praças públicas, tendas, palcos, entre outros. É certo que grande parte desses eventos ocorrem em locais fechados, que se assemelham aos espaços controlados das ginásticas competitivas. No entanto, é importante pontuar que, mais uma vez, a GPT se alastra de forma mais flexível, posto que muitos grupos conseguem realizar suas coreografias em espaços variados, não tão "estáveis", como os exemplificados acima.



Figura 2 - Grupo Ginástico Unicamp (GGU) em apresentação na praça central de Tallin, Estônia, em 2017.

Se analisarmos o **tempo** de prática, como a duração da intervenção, a maior parte das ginásticas possui em seu regulamento diretrizes que normatizam a duração das séries e, inclusive, o tempo disponível ou adequado para determinadas ações e movimentos. É comum, por exemplo, existirem penalizações para pausas prolongadas, para interrupção da série não justificada, ou mesmo, para a perda aparente de ritmo e descompasso entre música e movimento, penalização comum no caso da GR, por exemplo. Mais uma vez, ao pensarmos esses códigos estritos, os praticantes de GPT também disfrutam de liberdade quanto à definição e à organização do uso do tempo. As coreografias apresentam durações diversas, tratando de atender, quando apresentadas em eventos específicos, às exigências daquela ocasião (que pode ser muito diferente de um evento a outro), normalmente, estabelecidas não pela performance, mas por uma questão logística³.

Quanto à utilização de **implementos** ou materiais, a prática da GPT poder acontecer sem seu uso, ao mesmo tempo que permite a utilização de quase quaisquer tipos de objetos nas composições coreográficas, muitas vezes, fazendo deste uso uma estratégia para a amplificação do impacto visual dos gestos ou

³ Quando utilizamos a expressão “logística” nesse contexto, estamos nos referindo a regulamentos e diretrizes que não têm por objetivo padronizar o corpo, a técnica ou a performance. Sim, os regulamentos existem no cenário da GPT, mas, diferentemente das ginásticas esportivizadas, eles têm a função de garantir a segurança dos praticantes, de comunicar as diferentes formas de participação – como na World Gymnaestrada, onde é possível participar com pequenos (*Group Performances*) e grandes grupos (*Large Group Performances*), apresentar-se nos *halls* (*Group Performances*) ou em pontos turísticos da cidade anfitriã do evento (*City Performances*) –, além de estipular certas limitações, como “área de apresentação” e “tempo de performance” (FIG, 2019), mas com a intenção de viabilizar a organização prévia do evento, o que, para um festival como a World Gymnaestrada, com quase 20 mil participantes, é fundamental.

visando facilitar a participação de todos⁴. Cada grupo pode optar por utilizar ou não aparelhos, segundo indica a própria FIG no livro *Apparatus in Gymnastics for All* (FIG, sem data). No entanto, o que se faz necessário reforçar neste momento é que, no caso do uso de algum material, os praticantes possuem a “liberdade” de decidirem quando e como utilizá-lo, não se atendo às exigências técnicas típicas das práticas competitivas, como as existentes na GR, por exemplo, que condicionam os grupos de movimentos a serem realizados com cada implemento (bolas, fitas, arcos, maçãs ou cordas). Nessas práticas esportivizadas, o CoP, além de normatizar a constituição de cada um dos implementos (peso, tamanho) de acordo com as diferentes categorias (FIG, 2017), controla, rigorosamente, sua utilização na medida em que anuncia o que é ou não permitido por meio das proibições, bem como incentiva o que é desejável por meio das pontuações e do estabelecimento de números mínimos de determinados grupos de manejos⁵. Em oposição, na GPT, temos, igualmente ao que mencionamos sobre os elementos sistêmicos anteriores (jogadores, espaço), maior liberdade ou, em outras palavras, nenhum tipo de limitação imposta a priori.

⁴A utilização de materiais, principalmente alternativos (BRATIFISCHE; CARBINATTO, 2016; IWAMOTO *et al.*, 2016), representa, para muitos grupos, não apenas uma escolha estética, mas, principalmente, uma escolha estratégica na perspectiva da acessibilidade e da diversidade, uma vez que, em muitos casos, o emprego desses materiais flexibiliza a utilização do corpo e oferece alternativas interessantes para todos os grupos, inclusive, aqueles compostos por integrantes sem experiências anteriores com a ginástica, que não possuem um amplo repertório gestual, técnico, gímico. Portanto, a utilização torna-se uma estratégia pedagógica, alinhada com o discurso da acessibilidade, que transita nos diferentes espaços de prática da GPT, tendo em vista que permite outros tipos de composição que não, exclusivamente, as dependentes da técnica corporal (no caso, elementos tradicionais da ginástica).

⁵ O termo “manejos” é amplamente utilizado, em português, para tratar dos diferentes movimentos de manipulação dos aparelhos na GR (no caso: corda, bola, arco, maçãs e fitas). Como exemplo, é possível pensarmos nos manejos do aparelho bola: quicar, equilibrar, transmitir, rolar no corpo, rolar no chão, lançar, recuperar, entre outros. No contexto da GPT, portanto, esse conceito pode ser expandido para os mais diferentes objetos/materiais, por exemplo: é possível mediar a exploração de um material alternativo, como um balde, a partir desses mesmos grupos de manejo (Figura 3), adaptando-se às características de cada material: lançar e recuperar o balde de formas distintas, rolar o balde em partes do corpo e no solo, equilibrar o balde em partes do corpo ou em outros baldes, diferentes formas de passar ou saltar por cima ou se equilibrar no balde, entre outros. Assim, vemos, também, formas de utilização dos fundamentos de outras ginásticas, para elaboração e criação de coreografias de GPT (ANTUALPA; MENEGALDO, 2016).



Figura 3 - Coreografia "Gotas", do GGU, com o uso de baldes.
Fonte: SESC Campinas (2018).

Essa flexibilidade sistêmica que caracteriza a lógica interna da GPT permite a relativização dos modelos técnicos, dando lugar a uma ampla variação dos critérios de eficiência, precisão e exigência. Em concordância com Bortoleto (2008b), essas múltiplas possibilidades ampliam significativamente a acessibilidade à sua prática, bem como a diversidade de ações motrizes e de coreografias em relação a outras práticas gímnicas. Dessa forma, participantes com os mais diferentes níveis de habilidade (com grupos de pessoas muito ou pouco experientes no campo da ginástica) coexistem no campo da GPT, inclusive, nos eventos de grande representatividade nacional e internacional.

Tudo o que apontamos anteriormente engendra, em suma, a possibilidade de um conjunto ilimitado de lógicas operativas para a prática da GPT. Estamos, portanto, diante de uma prática "multilógicas internas".

De forma paralela, é interessante alinhar essa multiplicidade com as considerações de Mateu e Bortoleto (2011, 2017). Em concordância com o pressuposto por esses autores, a GPT se constitui como uma prática baseada nas Situações Motrizes Expressivas (SME)⁶, reforçando o já anunciado distanciamento do contexto esportivo/competitivo. Cabe recordar que as SME representam um subconjunto de práticas ou situações motrizes cujo objetivo fundamental, para além da dimensão motriz, está na dimensão artística (na

⁶ Como os próprios autores indicam, Pierre Parlebas reconhece a particular lógica das SME, embora ele próprio não tenha dedicado profunda atenção às práticas que revelam essa natureza (PARLEBAS, 2002).

alteridade, na expressão poética), visando ofertar uma experiência estética para o público, e, assim, adquirindo uma natureza comunicativa. Desse modo, enquanto os esportes ginásticos flertam com a expressividade, sempre sob as amarras e expectativas previstas nas regras dos CoP, a GPT pode desenvolver-se na sua plenitude, ou seja, envolver todas as ações de seus praticantes sob a ótica figuracional (poética e subjetiva), sem predisposições apriorísticas. Nesse caso, jogadores (ginastas), espaço, tempo e objetos (quando usados) poderão relacionar-se sistematicamente, incluindo uma “camada” expressiva, que permite, para além de suas características objetivas (concretas, observáveis diretamente), explorar a alteridade. Nas palavras dos autores supracitados:

Podemos referirnos a las SME también como situaciones motrices de expresión escénica, eso es, situaciones en las que el objetivo final no se resume únicamente en una acción motriz o a una marca, sino que exigen una comunicación de orden referencial, expresivo y poético. [...] Dicho de otro modo, las decisiones que definen las interacciones entre los componentes sistémicos, se explicitan en el marco de una interrelación comunicativa emotiva/poética/simbólica entre los protagonistas (artistas) e los espectadores (actuantes y expectantes), condición muy distinta de la observada en situaciones motrices por ejemplo de naturaleza deportiva (MATEU; BORTOLETO, 2017, p. 51-52).

Entendemos, com isso, que a alteridade na GPT pode ser compreendida como aquilo que nos permite construir relações de identidade não apenas com outras pessoas, mas, também, com grupos, espaços, lugares. A alteridade, portanto, seria “um outro, do qual depende a própria identidade. O outro e o eu estão numa relação complexa em que se remetem reciprocamente” (HERMANN, 2007, p. 9). Dessa forma, podemos dizer que alteridade é aquilo que nos estranha e que nos toca, na medida em que afeta o indivíduo, ou ainda, o eu que vive determinada experiência. Em nosso caso, ao defendermos a GPT como uma possibilidade de abertura à alteridade, sinalizamos para que as composições coreográficas sejam tratadas como uma via de acesso para a experiência estética, compondo, assim, uma supradimensão à experiência motriz. Parece-nos importante destacar que alguns pensadores abordam a alteridade como mais uma alternativa para atenuar a questão da individualização do sujeito (CATTAPAN, 2006; KRAMER, 2000; SILVA; DAMIANI, 2005), o que valoriza ainda mais a abertura à alteridade no contexto da GPT, realçando seu potencial coletivo, que é cada vez mais explorado pela literatura especializada (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017; MENEGALDO, 2018).

Em síntese, observamos uma substancial diferença entre a GPT e as ginásticas competitivas, inclusive, aquelas de natureza sociomotriz, como a GR de conjunto, a GACRO, a GAE e o Trampolim Sincronizado. A ausência de regras – ou de códigos imperativos, como diria Parlebas (2001) – permite à GPT constituir-se e se manifestar sem que nenhum tipo de pré-requisito ou normatização (regimental) determine suas manifestações. Quer seja quanto ao número de participantes do grupo, quanto ao espaço de prática, ao uso ou não de implementos, as

possibilidades são diversas. Logo, vemos emergir uma prática com infinita diversidade técnica e estética, cabendo aos seus protagonistas a possibilidade de explorá-la ou não.

Dito isso, apesar de a obediência a padrões, tanto na prática cotidiana quanto nas apresentações públicas das composições coreográficas, não manter relação com uma condição imposta ou com um imperativo regulamentar, é possível que alguns grupos associem e desenvolvam a prática da GPT com base nas normativas e expectativas – técnicas e estéticas – típicas das modalidades esportivizadas, deixando de “usufruir” do potencial sociomotriz anteriormente ressaltado, e negligenciando a diversidade proposta a partir de suas múltiplas lógicas.

Por isso, a GPT assume uma condição de maior “liberdade” e “diversidade” em sua prática, favorecendo a manifestação da criatividade, a possibilidade da inovação, seja gestual, de figurinos, de implementos, de temas, ou ainda outros elementos (ALMEIDA, 2016), e escapando, ao menos teoricamente, da reprodução de padrões. A menor previsibilidade e sua maior permeabilidade (inclusive, para saberes – técnicas, tecnologias – consagrados em outras práticas) propiciam um terreno fértil para a manifestação da coletividade, para sua aplicação educativa (AYOUB, 2013; BORTOLETO, 2012; LIMA *et al.*, 2015). Embora a relação entre os praticantes de um grupo de GPT remetam, aparentemente, ao conceito de cooperação similar ao observado nas outras práticas gímnicas sociomotrices, é na ausência de regras que normatizam as condutas dos ginastas que as relações sociais encontram espaço para uma consolidação para além da mediação instrumental e práxica designada pelos regulamentos. Parece-nos que as relações entre os participantes ocupam o núcleo da prática da GPT, podendo, inclusive, sobressair-se a qualquer expectativa, quer seja no processo ou no produto (MENEGALDO; BORTOLETO, 2020).



Figura 4 - Grupo suíço durante coreografia realizada com piscinas de plástico na World Gymnaestrada (Helsinque, Finlândia), em 2015. Fonte: FIG CHANNEL (2015).

Não obstante, embora haja a possibilidade acima indicada – do desenvolvimento da potencialidade coletiva da GPT –, é comum que essa possibilidade não seja reconhecida pelos grupos, que, por vezes, operacionalizam a cooperação funcional e instrumental como acontece nas práticas sociomotrizas esportivizadas. Assim, a ação de um grupo na GPT em direção ao desenvolvimento de habilidades sociais e, quem sabe da coletividade, pode ou não ser efetivada. Com isso, queremos dizer que interagir de maneira comunicativa, relacional e emocional, como acrescenta Parlebas (2001), deve ser entendido como um potencial da prática, e não uma obrigatoriedade ou algo que, inevitavelmente, irá acontecer. É por esse motivo que poderemos observar grupos de GPT com diferentes formas de dinamizar as relações entre os participantes, e, conseqüentemente, de promoverem ou não a coletividade. Embora a prática da GPT obedeça aos princípios da sociomotricidade, dando ênfase à comunicação entre os participantes, é preciso ampliar o olhar, como fizemos nas linhas anteriores, para entender a especificidade que a permeia. Dessa forma, a compreensão se dá a partir da estrutura que é imposta ao interior do grupo para seu funcionamento, isto é, da lógica interna estabelecida no coletivo.

Nossa experiência indica, ademais, que o não aproveitamento do potencial social da GPT ocorre, frequentemente, pelo uso de outras lógicas internas – especialmente, aquelas próprias às modalidades competitivas, mais conhecidas e consolidadas na educação esportiva brasileira, por exemplo. De fato, a dominância da lógica esportiva-competitiva e, portanto, da normatização imposta pelas práticas gímnicas esportivizadas, pode conduzir a uma prática que se afasta das distintas lógicas internas possíveis para a GPT. Mais ainda, a incorporação de uma lógica comum à estruturação tradicional advinda do esporte de alto rendimento pode fragilizar o potencial coletivo da GPT. Uma vez mais, é esse fato que faz com que a experiência da coletividade possa ser múltipla e distinta no interior de diferentes grupos de GPT, o que, nos termos de Parlebas (2001), significa a possibilidade de múltiplas experiências da sociomotricidade, emergentes a partir de múltiplas LI, todas elas associadas à otimização das relações sociais no decorrer da prática.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diferentemente das disciplinas gímnicas esportivizadas, a GPT não possui normatização ou um código gestual (Código de Pontuação), como é usual nas demais práticas gímnicas. Essa característica permite o desenvolvimento da prática sob diferentes lógicas internas, sendo todas elas de natureza sociomotriz e, portanto, fundadas na cooperação. Dessa forma, os elementos sistêmicos que definem a prática da GPT (participantes, espaço, tempo e implementos) podem, de acordo com a opção de cada grupo, variar amplamente. Deparamo-nos com

um convite à criatividade, podendo essa liberdade incidir sobre o perfil do grupo, o número de praticantes, o tipo do espaço utilizado, o tempo das composições, o uso ou não de implementos, entre outros aspectos.

A multiplicidade de lógicas internas torna inviável, a priori, o estabelecimento de um conceito único de técnica, fazendo com que “diferentes técnicas” possam ser contempladas pelos grupos de GPT em função de seus interesses e objetivos (BORTOLETO, 2008b). Esse fato tende a se desdobrar na diversidade – técnica, gestual, estética – e, conseqüentemente, potencializa a acessibilidade dessa prática, adequando-a, facilmente, aos diferentes praticantes, espaços e recursos materiais.

Por fim, ainda que tenhamos defendido a possibilidade – teoricamente – de que existam múltiplas lógicas internas para a prática da GPT, é importante reforçar que, qualquer que seja a lógica, ela será de natureza sociomotriz (coletiva) e fundamentada na cooperação (sem adversários). Nesse contexto, evidenciamos o caráter coletivo que a prática da GPT pode alcançar, promovendo, de modo profundo, as relações e habilidades sociais (BORTOLETO *et al.*, 2019; GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2017; MENEGALDO, 2018; WICHMANN, 2015a, 2015b). Do ponto de vista praxiológico, a ausência de um contrato social institucionalizado (formalizado) conduz a prática da GPT para uma direção oposta daquela do esporte, sendo, em nossa opinião, mais pertinente associá-la às SME. Essa condição praxiológica resulta na ênfase da alteridade, da comunicação, da gestualidade ficcional (MATEU; BORTOLETO, 2017), conectando as relações cooperativas ao objetivo expressivo-poético. Em suma, a natureza da GPT permite desenvolver uma ilimitada variedade de coreografias, dependendo do exercício da criatividade, com grande potencial comunicativo (entre o grupo e os expectadores) e de desenvolvimento social e emocional (no interior do grupo).

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tabata Larissa. *Composição coreográfica coletiva e tematização como estratégias pedagógicas para o ensino/aprendizagem da acrobacia coletiva*. 2016.. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ANTUALPA, Kizzy Fernandes; MENEGALDO, Fernanda Raffi. Diálogo da Ginástica Rítmica

com a Ginástica para Todos: contribuições para a construção coreográfica. In: OLIVEIRA, Michelle; TOLEDO, Eliana de. (Org.). *Ginástica para Todos: possibilidades de formação e intervenção*. UEG: Anápolis, 2016. p. 181-200.

AYOUB, Eliana. *Ginástica geral e educação física escolar*. Campinas: Unicamp, 2013.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A Ginástica Artística estudada a partir da ótica da Praxiologia Motriz: reflexões preliminares. In: RIBAS, João Francisco Magno. (Org.). *Jogos e Esportes: Fundamentos e Reflexões da Praxiologia Motriz*. Santa Maria: Editora UFSM, 2008a.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. *La lógica interna de la Gimnasia Artística Masculina y estudio etnográfico de un Gimnasio de alto rendimiento*. 2004. Tese (Doutorado em La investigación en la actividad física y deporte) – Universidade de Lleida, Lleida, 2004.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. La lógica pedagógica de la Gimnasia: entre la ciencia y el arte. *Acción Motriz*, n. 9, jul./dez., 2012.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Uma reflexão sobre o conceito de técnica na Ginástica Geral. In: PAOLIELLO, Elizabeth. (Org.). *Ginástica Geral: experiências e reflexões*. São Paulo: Phorte, 2008b. p. 167-190.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho et al. What motivates people to participate in a non-competitive Gymnastics festival? – A case study of World Gymnaestrada. *Science Gymnastics Journal*, v. 11, n. 1, p. 15-22, 2019.

BRATIFISCHE, Sandra Aparecida; CARBINATTO, Michele Viviene. Inovação e criação de materiais: em busca da originalidade da Ginástica para Todos. In: MIRANDA, Rita de Cássia Fernandes; EHRENBERG, Mônica Caldas; BRATIFISCHE, Sandra Aparecida. (Org.). *Temas emergentes em Ginástica para Todos*. Fontoura: Várzea Paulista, 2016. p. 77-102.

CATTAPAN, Pedro. Arte e análise: vias de abertura à alteridade nas sociedades contemporâneas. *Psychê*, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 65-80, set./dez. 2006.

FEDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). *Apparatus in Gymnastics for All*.

FEDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). *Gymnastics for All Manual*. 2019.

FEDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). *Code of points Rhythmic Gymnastics*. 2017.

FEDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). *World Gym for Life Challenge Regulation*. Suíça, 2011.

FIG CHANNEL. *World Gymnaestrada 2015 - Switzerland takes center stage - We are Gymnastics!* [S. l.: s. n.], 14 jul. 2015. 1 vídeo (9:44 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Zh7tGt3tiA&t=14s>. Acesso em: 02 abr. 2020.

GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. (Org.). *Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

HERMANN, Nadja. Ética, estética e alteridade. *Site do Grupo de Pesquisa Racionalidade e Formação*, 2007.

IWAMOTO, Thiago Camargo; MARINS, Paulo Rafael Calixto e Silva; ROCHA, Pedro Henrique Tomé; MORAES, Jeison da Silva. Ginástica para todos e as possibilidades de materiais adaptados e alternativos para a prática pedagógica e construção coreográfica. In: OLIVEIRA, Michelle; TOLEDO, Eliana de. (Org.). *Ginástica para Todos: possibilidades de formação e intervenção*. UEG: Anápolis, 2016. p. 201-224.

KRAMER, Sonia. Linguagem, cultura e alteridade: Para ser possível a educação depois de Auschwitz, é preciso educar contra a barbárie. *Enrahonar*, v. 31, p. 149-159, 2000.

LAGARDERA, Francisco; LAVEGA, Pere. *La ciencia de la acción motriz*. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2004.

LIMA, Letícia Bartholomeu de Queiroz; MURBACH, Maria Aggio; AFONSO, Paulo Roveri; SANTOS, Patricia Gracioli; SCHIAVON, Laurita Marconi. *Conexões*, Campinas, v. 13, n. esp., p. 27-38, 2015.

MATEU, Mercè; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Lá lógica interna del Circo: rasgos fundamentales. In: RIBAS, João Francisco Magno. (Org.). *Praxiologia Motriz na América Latina: aportes para a didática na Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 49-76.

MATEU, Mercè; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. La lógica interna y los dominios de acción motriz de las situaciones motrices de expresión (SME). *Emancipação* (on-line), Ponta Grossa, v. 11, p. 129-142, 2011.

MENEGALDO, Fernanda Raffi. *Ginástica para Todos: por uma noção de coletividade*. 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

MENEGALDO, Fernanda; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. The role of time and experience to the Gymnastics for All practice: building a sense of collectivity. *Science of Gymnastics Journal*, v. 12, n. 1, p. 19-26, 2020.

PARLEBAS, Pierre. *Elementos de sociología del deporte*. Sevilla: Málaga Unisport Andalucía, 1988.

PARLEBAS, Pierre. *Lección inaugural del curso 2002/2003 del Instituto Nacional de Educación Física de Catalunya*. Generalitat de Catalunya, Lleida, 2002.

PARLEBAS, Pierre. *Léxico de Praxiologia Motriz: juegos, deporte y sociedad*. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2001.

PATRÍCIO, Tamiris Lima; CARBINATTO, Michele Viviene; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 30, n. 1, p. 199-216, jan./mar. 2016.

RIBAS, João Francisco Magno. *Jogos e Esportes: Fundamentos e Reflexões da Praxiologia Motriz*. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social: princípios do direito político*. 2. ed. Cidade: Edipro, 2015.

SESC CAMPINAS. Coreografia "Gotas", do GGU, com o uso de baldes. Campinas, 17 de outubro de 2018. *Facebook: sesccampinas*. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/sesccampinas/photos/>. Acesso em: 2 abril de 2020.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. As práticas corporais em foco: a análise da experiência em questão. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. (Org.). *Práticas Corporais: experiências em Educação Física para uma Formação Humana*. v. 3. Florianópolis: Nauembru Ciência & Arte, 2005. p. 187-207.

WICHMANN, Angela. Diversity versus Unity: A Comparative Analysis of the Complex Roots of the World Gymnaestrada. *The International Journal of the History of Sport*, v. 32, n. 4, p. 614-629, 2015a.

WICHMANN, Angela. Participating in the World Gymnaestrada: an expression and experience of community. *Leisure Studies*, p. 21-38, ago. 2015b.